



TOCHA



NOVOS RESULTADOS, VELHAS TENDÊNCIAS

Eric Gil Dantas, pelo IBEPS

A Petrobras anunciou que no 1º trimestre de 2018 obteve lucro líquido de R\$ 6,961 bilhões de reais, valor 56% maior do que o do mesmo trimestre de 2017. Uma notícia muito festejada pelo mercado financeiro, mas que deve ser vista com preocupações pelos trabalhadores, pois as tendências apontadas em textos anteriores continuam a aprofundar-se: privatização, diminuição de investimentos e volta à produção apenas de óleo bruto.

O 1º fator apontado pela empresa para tal aumento de lucro foi a retomada do preço internacional do petróleo, que ainda continua subindo. O preço médio do barril no 1º trimestre de 2017 foi de U\$S 54 dólares, descendo para U\$S 50 dólares no 2º trimestre e atingindo U\$S 67 dólares no 1º trimestre de 2018. Hoje, o preço já passou dos U\$S 70 dólares. Isso possibilitou que a Petrobras ganhasse mais receitas, apesar de ter diminuído a sua produção (-4,5% comparado com o mesmo trimestre de 2017).

Mas o fator que realmente explica este lucro e ao qual devemos redobrar nossas atenções foi a receita advinda de privatizações. Segundo a estatal, nos três primeiros meses, a companhia já recebeu US\$ 3 bilhões decorrentes das vendas de pedaços e participações da empresa, o que em reais já ultrapassa todo o lucro líquido do período (convertido em dólar da época, teríamos R\$ 9,72 bilhões). Para o ano de 2018, a previsão é de arrecadar U\$S 11 bilhões de dólares com as privatizações da empresa. Segundo a companhia, são 22 projetos em andamento de venda de ativos (tanto projetos iniciais quanto os que estão sendo fechados agora). A Petrobras está encolhendo suas atividades sistematicamente ao longo dos últimos trimestres. Algo já a se notar como consequência das privatizações é o aumento das despesas com vendas, que subiram

de R\$ 2,4 bilhões para R\$ 4,1 bilhões por conta de pagamentos de tarifas como as que a Petrobras deve efetuar para a NTS, privatizada há pouco tempo para a Brookfield, uma gigante global em gestão de ativos, que agora cobra à estatal um belo dinheiro para o uso dos seus gasodutos.

Este processo de privatização e de saída de alguns setores também se expressa na diminuição dos investimentos. O investimento caiu de R\$ 13 bilhões para R\$ 9,2 bilhões entre o 4º trimestre de 2017 e o 1º deste ano, uma subtração de 29%. Esta queda do investimento é dada para que haja uma maior margem para pagamento de dívidas (aumento do fluxo de caixa livre) – ou seja, a prioridade não é investimento, e sim pagamento de dívidas. Outra consequência é a diminuição da produção e da venda dos produtos refinados (quedas de 11,4% e de 7,3%, respectivamente), processo este discutido em artigo publicado no site do Sindipetro/SJC.

Com isso, apesar da Petrobras ter apresentado o terceiro maior EBTIDA (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) entre as principais petroleiras do mundo, atrás apenas da Shell e da ExxonMobil, este não é um resultado tranquilizante, como quer mostrar Pedro Parente e o mercado financeiro. Na verdade, é tranquilizante para eles, mas muito preocupante para nós, pois é justamente a continuação do projeto que este governo trabalha para transformar a Petrobras: uma empresa menor e que atue apenas na produção de óleo cru e diante de uma grande concorrência de grandes empresas estrangeiras com quem teremos que dividir o lucro do mercado historicamente construído a duras penas com dinheiro público. O famoso custos públicos e benefícios privados.

GREVE NACIONAL PETROLEIRA

LUTAR ATÉ GANHAR!

Privatização ameaça o emprego de petroleiros e petroleiras por todo país

Pág. 2

EDITORIAL

ENTREGUISMO AVANÇA SOBRE OS SETORES AÉREO E ELÉTRICO

Pág. 3

PETROBRAS NEGA CÁLCULO DE PLR MAIS VANTAJOSA PARA OS TRABALHADORES

TERMINA O CONTRATO DE ALIMENTAÇÃO PARA AS REFINARIAS DE SÃO PAULO

Pág. 4

NOVOS RESULTADOS, VELHAS TENDÊNCIAS

EDITORIAL

Os petroleiros e petroleiras de todo o Brasil talvez estejam enfrentando o pior momento da história da empresa. Não bastassem os ataques ao plano de saúde da categoria, ao fundo de pensão e às aposentadorias, a diminuição dos direitos nos Acordos Coletivos dos últimos anos, agora precisarão enfrentar a ameaça de demissão com o anunciado fechamento das FAFENs e a privatização de terminais e refinarias.

Reunidos no dia 9 deste mês, no Sindipetro/RJ, trabalhadores de todo o país tiraram uma agenda de mobilização para o mês de maio, que visa cumprir a tarefa de preparar a greve nacional da categoria petroleira.

O ataque do governo golpista de Michel Temer às empresas estatais está cada vez mais forte. A ameaça de demissão não é exclusividade da

categoria. Os trabalhadores dos Correios e da Eletrobras estão enfrentando o mesmo dilema. Além dos trabalhadores da Embraer, que depois de privatizada, agora está sendo desnacionalizada, com a possível venda para a Boeing.

É necessário buscar a mais ampla unidade da categoria e uma forte campanha nacional de conscientização para barrar o desmonte da Petrobras. Não estamos falando de uma ameaça, mas de um processo que já se tornou realidade.

É preciso lutar. Lutar até ganhar! E ganhar significa entrar em greve pela manutenção de nossos empregos, nossos direitos conquistados ao longo de décadas de mobilização e muita luta! Que inspirados pela lembrança de maio de 1968 possamos construir o nosso maio de Lutas!

Até a vitória, companheiros!

ENTREGUISMO AVANÇA SOBRE OS SETORES AÉREO E ELÉTRICO

A sanha privatista do governo Temer avança para cima da Petrobras e também da Eletrobras e da Embraer. É um projeto político de destruição profunda de todos os nossos sistemas de energia e de transporte aéreo.

A Embraer tem o governo como acionista majoritário e foi construída 1969 com capital público. Agora a Boeing está de olho na única fábrica de aviões no hemisfério sul da Terra. 16 mil trabalhadores e trabalhadoras que consolidam a Embraer com alta capacitação humana, técnica e tecnológica fica à mercê dos interesses do mercado internacional. Esta mão de obra afronta o sistema ao fazer da empresa um modelo de eficiência, sendo a terceira maior fabricante de aviões do mundo e com projetos engatilhados para a produção de helicópteros.

Os sindicatos dos metalúrgicos de São José dos Campos, Botucatu e Araraquara lançaram conjuntamente a campanha "A Embraer é nossa. Não à venda da Embraer para a Boeing". Por isso, precisa-

mos barrar esta nova etapa de privatização da empresa da mesma forma que da Petrobras e da Eletrobras.

A estratégia para a entrega do patrimônio é sempre montada da mesma forma. O governo sucateia as empresas, monta uma farsa de falta de recursos do país para investir no setor e aponta como saída a transferência desse patrimônio público, de forma baratíssima, para o mercado privado.

Os ativos da Eletrobras, que incluem subsidiárias, como: Eletronorte, a Chesf, no Nordeste, Furnas, no Sudeste, a Eletrosul e ainda metade da usina binacional de Itaipu e a Eletronuclear, que gere as usinas nucleares de Angra dos Reis e a fábrica de enriquecimento de urânio de Resende, são avaliados em R\$ 75 bilhões.

O modelo de privatização anunciado pode dar o controle da empresa pela bagatela estimada entre R\$ 12 e R\$ 15 bilhões. É mais um crime lesa-pátria do governo Temer.

PETROBRAS NEGA CÁLCULO DE PLR MAIS VANTAJOSA PARA OS TRABALHADORES

Em reunião com a direção da FNP nas Comissões Temáticas, no Rio de Janeiro, no início de maio, a direção da Petrobras se comprometeu a rever os cálculos para a quitação da PLR 2017, mas comunicou na última semana que reafirmava a forma apresentada.

A empresa afirma que será considerada a remuneração mínima por nível e regime (RMNR) com o Adicional por Tempo de Serviço (ATS) e/ou da Função Gratificada dividido por dois para o cálculo dos valores devidos.

A FNP e seus sindicatos entendem que essa forma

de cálculo prejudica os trabalhadores, já que dá mais dinheiro aos gerentes e tira valores de quem realmente produz. A nossa proposta foi que a empresa baixasse o teto para fazer uma divisão mais justa para a categoria.

A empresa ainda reapresenta a sua usual truculência e ao pressionar de que precisa de sete dias para processar a inclusão da PLR no contracheque, o que é uma clara forma de pressionar os trabalhadores e trabalhadoras para a assinatura do acordo.

Agora os trabalhadores irão definir os rumos desta luta em assembleia.

TERMINA O CONTRATO DE ALIMENTAÇÃO PARA AS REFINARIAS DE SÃO PAULO

Não foi por falta de aviso. Nós havíamos alertado a Revap de que o modelo de contrato para o fornecimento de refeição, aplicado nas quatro refinarias no estado, não era viável. A questão do porcionamento era só um indício de que a qualidade da alimentação seria comprometida com a redução do valor pago por cada refeição.

Os valores eram insustentáveis e a empresa responsável "jogou a toalha". Um novo contrato deve ser assinado nos próximos meses. Contudo, quem sofre com isso é a categoria.

Desde o início, o sindicato deixou claro que a

mudança nos valores do contrato resultaria numa alimentação ruim para todos os petroleiros, próprios e terceirizados. O Sindipetro/SJC lançou a campanha "De Olho na Alimentação" e recebeu denúncias absurdas de comida em péssimo estado de armazenamento e conservação. Até fotos com mofo nos alimentos nós recebemos. O que só comprova a irresponsabilidade da Petrobras quanto ao fornecimento de refeições.

Esperamos que o novo contrato venha com valores maiores e que os gestores da empresa não cometam os mesmos erros! Exigimos respeito!

